

INÊS FERNANDES

**GUARDA-ME
O QUE FICAR**

*Eu não sei se escrever me cura ou se me destrói um pouco mais.
Mas não consigo levar a vida de outra forma.*

Inês

A ignorância da infância não me preparou para o labirinto onde viria a ser colocada. Tomei decisões difíceis e iniciei um processo de construção de forma solitária e, provavelmente, egoísta. O tempo trouxe-me o amor preso à dicotomia e, num processo de cura conjunto, consegui entregar-me por completo à vida.



Primeira Parte

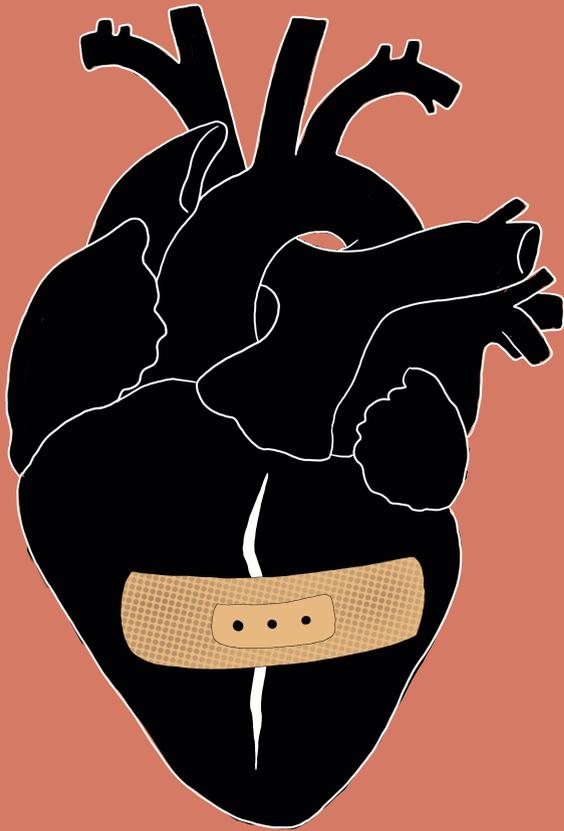
LABIRINTO

Por vezes, sentimo-nos totalmente incapazes de sair do contexto onde nos colocámos. Não temos certezas face ao caminho a seguir e ficamos zonzos perante as paredes que não nos levam a lugar algum. Como se a nossa própria vida se tornasse num labirinto.

Era dezembro.
Estava frio na rua e lá dentro também não estava particularmente quente.
Lembro-me de ouvir a lareira a estalar.
Lembro-me de sentir a casa cheia.
Falava-se de muita coisa.
Assuntos chatos que só interessavam aos adultos.
Ouvia muitos risos. Reconhecia os odores.
Eram quentes.
E eu era feliz.
Acho que não sabia o que era o contrário disso.

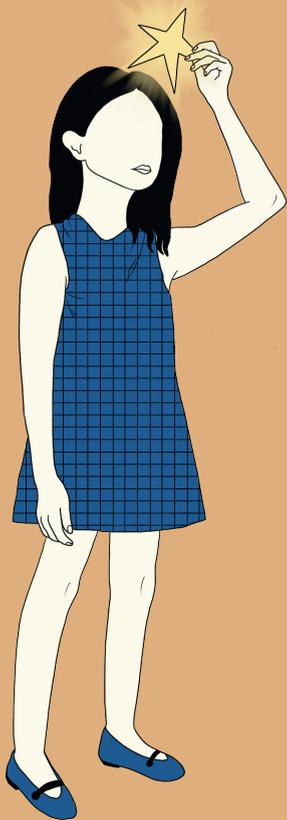
hoje sei

Ser criança é ser ignorante.
No sentido bonito que a palavra pode ter.
Uma ignorância que aceitamos porque ainda
não conhecemos o suficiente da vida.
Não sentimos nada de forma demasiado profunda.
Não guardamos memórias.
Não criamos grandes expectativas.
A dor é algo que passa depressa.
Como um penso rápido.
Como se tivéssemos caído da bicicleta.
As lágrimas nunca são de solidão.
São, normalmente, apenas e só,
para garantir que somos ouvidos.
Desde cedo, temos essa tendência.
Desde cedo, queremos ser ouvidos.



Eu não era particularmente notada.
Não me lembro de ter uma estrela comigo desde que nasci.
Acho que fui eu mesma que a desenhei, a lápis de cor,
e a coloquei sobre a minha cabeça.
Acho que a criei com o suor que me saiu do corpo.
Eu não era particularmente brilhante.
Brincava de forma inocente.
Sem saber que a minha vida daria um livro.

a inocência torna-te diferente do óbvio



Não sabia exatamente o que queria ser.
Tinha algumas ideias soltas,
mas pareciam-me todas contraditórias.
Não tinha completamente claro
o caminho pelo qual queria seguir.
Sinceramente, julgo que mesmo hoje não o sei.
Sofria demasiado com a antecipação do que poderia acontecer.
Ocupava-me demasiado com medos irracionais
para um futuro não estabelecido.
Colocava em mim uma responsabilidade
que não era válida para a minha tenra idade.
Tinha uma maturidade superior aos demais,
sem saber exatamente o que isso significava.
Mais tarde percebi a importância disso mesmo.
Mas até lá atravessei demasiados caminhos
na procura por alguém que não sabia ser.

o que queres ser quando fores grande?

Lembro-me de ter terra nas mãos.
A verdade é que cresci com terra nas mãos.
Recordo-me de fazer bolos cobertos de lama
e de os vender a caras conhecidas.
Sentia um conforto naquela encenação humilde.
As manhãs eram passadas sempre assim.
A criar alguma coisa. A imaginar uma cena inteira.
A fazer tudo a partir de nada.
E essa facilidade ficou até hoje nas minhas mãos.
Uma criatividade criada a partir de tão pouco.

fica a saudade de quem cuidou de mim

Nunca me disseram para ser isto ou aquilo.
Nunca me limitaram o caminho.
Não tomaram decisões por mim.
Sinto que tinha, de uma maneira ou de outra,
a capacidade de ser o que eu quisesse.
Era livre. Mesmo que olhassem sempre por mim,
eu era livre.
E isso é saber educar. Sem amarras.
Só com abraços.

a liberdade de crescer sem escravatura emocional

Não me sentia o meu canal favorito.
Não estava sintonizada
na estação de televisão que queria ser.
Sabia perfeitamente disso,
mas pensava que ainda era cedo
para me preocupar demasiado.
Ainda tinha pouco mais do que uns palmos de altura.
Apesar desta consciência, anormal para a minha idade,
não quis prender-me demasiado
à anormalidade que via em mim.
Ignorei os sinais e agarrei-me ao meu caderno.
O que tivesse de ser, seria.

Eu lia-te o meu livro de fábulas sentada no teu lado da cama.
Adorava ler, e tu adoravas ouvir-me em silêncio.
Procurava sempre os dias 19 e 25 dos nossos meses.
Essas linhas eu já as sabia de cor.
As outras histórias eram escolhidas pelas ilustrações.
Quanto mais coloridas, mais me prendiam a atenção.

Parece que foi ontem, sabes? O folhear destas páginas
é-me familiar e o cheiro também.
Agora os tempos são outros e partilho o mesmo livro
com um amor que também é meu. Mas dói.
A tua ausência dói.
Tu fazias-me acreditar
que eu era a melhor do mundo.
Dizias-me vezes sem conta que ia ter
o mundo nas minhas mãos.
Agora, olho para o céu e consigo ver-te aí.
De longe consigo ouvir, com o coração,
as palavras que me quiseste sempre dizer
«Estou orgulhosa de ti, fica também.»
Fico. Sobretudo porque colocaste as melhores
pessoas a caminhar lado a lado comigo.

avó Maria

Nunca entendemos por completo
aqueles que cuidam de nós.

dores de crescimento



Não sei quando começou. Mas dóia.
Olhavas para mim de forma demasiado fria,
sem motivo aparente. Sei que me amavas,
mas também sei que não te controlavas.
Eu fugia, mas chegava sempre a um beco sem saída.
A porta não era suficientemente forte para me proteger.
Tinhas tirado a chave para que não me trancasse.
Apesar do pânico, eu perdoava-te passado pouco tempo.
Acho que a nossa relação cresceu desta forma.
Com pedidos de desculpa silenciosos e permanentes.
Porque sabíamos que iria voltar tudo a acontecer.
Preferíamos aceitar isso a viver numa constante solidão.

o perdão educa-se

